

# O Mito Nasuc\*

*Mitologia do povo Nivacle*

Contam que uma moça, indo por uma vereda em busca de água, de repente encontrou uma linda árvore. Era Nasuc, o guáiacó. Irresistivelmente atraída, aproximou-se e parou a seu lado. Incêndio em seu interior: era o amor. Abraçou apaixonada seu tronco largo e reto e sem poder se conter pelo desejo intenso afundou as unhas na cortiça, onde fez sulcos profundos. Sangue puro manou da ferida. Todos os dias, ao passar junto a Nasuc, rumo à fonte de água, ela o contemplava, machucando-o com as unhas. E enquanto o sangue fluía, ela dizia:

– Como eu queria que você fosse homem, Nasuc, pra gente poder se casar!

Uma noite apareceu em sua cabana um homem bonito, charmoso, com todos os seus adornos. E sem nem pedir licença, foi se deitando ao seu lado.

– Vim me casar com você – disse ele. Surpresa: – Eu não quero me casar com ninguém – respondeu ela.

– Não pode ser. Você sempre me quis.

– E por acaso eu já o conhecia? Nunca desejei ninguém. Nem me lembro de já ter falado com algum homem.

– Vai ter que saber – disse o homem – que sou Nasuc, que você sempre arranhava quando ia buscar água. E vivia dizendo: Como eu queria que esta árvore fosse um homem pra me casar com ele!

Ela ainda mais surpresa. Mas sem poder replicar, pois Nasuc estava certo. Repetia suas próprias palavras. Por isso não teve saída, aceitou a proposta e se casou com Nasuc.

O primeiro dia do casamento foi muito duro para Nasuc: viu que sua mulher e sua avó não tinham o que comer, nada.

– Diga, mulher minha: Será que sua avó tem sementes para plantar?

– Tem sim.

Mas era pleno inverno, e no inverno não se semeia. Então perguntou ao marido:

– O que quer com a semente?

– Semear amanhã mesmo, vocês não têm o que comer.

Então mandou que a mulher pedisse à avó algumas sementes de cada espécie de plantas.

– O que é isso? Que marido é esse? Semear agora é estupidez. Não quero acabar com minhas sementes, só tenho poucas!

A velha não acreditou na neta.

O tempo era de inverno, semeando no inverno nunca que iria brotar. Voltou para o marido, contou o que a avó tinha dito. Nasuc ficou ofendido no mais fundo, mas só perguntou:

– Por acaso você sabe, mulher, onde existe uma velha aldeia abandonada?

– Sei onde existe uma velha aldeia abandonada, sim.

– Que bom! Vamos lá amanhã cedinho.

Dia seguinte, madrugada ainda, foram até a aldeia abandonada. Lá chegando, Nasuc começou a fuçar escavando o monturo. E achou uma semente, pelo menos de cada uma das espécies de plantas que se semeiam. Depois de encontrar todas as sementes das espécies necessárias, perguntou à mulher sobre um campo. Ela respondeu que tinha um bem grande, e pertinho dali. Ao chegar lá, Nasuc disse a ela:

– Aqui é que vamos semear.

Sentaram-se então sob a sombra de uma árvore frondosa. Assim sentados, Nasuc chamou Yiyecle, o Tapir. Ele veio na mesma hora. Ordenou-lhe que arrancasse todos os troncos do campo. Depois chamou Jooc Pau-santo, e lhe ordenou que tirasse todo o pasto. Aí chamou Jôjôctisini, o Torvelinho. Era enorme. Mandou que limpasse todo o lixo que existia ali. Pasto, troncos arrancados, e todo o resto. O campo ficou limpinho. Nasuc começou a chamar Ofo, a pomba, dizendo:

– Semeie este milho que tem a mesma cor de seu pescoço.

Depois chamou Oyactisini, a Aranha, e disse:

– Semeie este milho que tem a forma de seu corpo.

E continuou chamando pássaros, animais monteses, insetos, para confiar a cada um deles a semeadura das sementes de melancia, abóbora, melão, cabaça e todas as outras plantas que dão frutos para comer.

Quando tudo estava semeado, falou de novo à mulher:

– Sente-se de costas para a roça. Cate minhas pulgas. Mas não tente olhar para trás. Se fizer isso, as sementes que plantamos não vão brotar.

A mulher fez o que o homem pediu. Ficou o dia todo de costas para a plantação, catando suas pulgas. Logo ouviram o ruído leve dos pés de milho embalados pelo vento.

– Se você aguentar, se não olhar para trás, nesta mesma tarde poderemos comer o milho verde.

E foi assim, bem como Nasuc disse à mulher. Pôr-do-sol, já assavam as espigas. A avó ficou muito envergonhada. No outro dia convidaram-na para a colheita. Mas Nasuc ainda estava com muita raiva porque a avó não quisera lhe dar suas sementes. Pediu-lhe então que arrancasse uma melancia. Sobre ela pendia uma grande cabaça. Quando a velha foi colhê-la, Nasuc fez a cabaça cair em cima dela, esmagou-a e a transformou num sapo.

*\* Texto traduzido para o espanhol por Miguel Chase-Sardi,  
posteriormente traduzido para o português por Josely Vianna  
Baptista*

# Catam-se as pulgas e as espigas

por Bárbara Tanaka



Sérgio Medeiros, olhos fechados e olhos abertos lançam e recolhem setas (2019)

No desértico Chaco paraguaio, assenta-se um povo chamado «homem». Durante mais de duas décadas, o antropólogo Miguel Chase-Sardi acompanhou a cultura do povo Nivacle, coletando e gravando relatos para a edição do *Pequeno Decameron Nivacle*, datada de 1981. Anos depois, compilou suas transcrições e seus estudos em uma tentativa de formar, junto a outros pesquisadores, uma antologia das narrativas eróticas indígenas del Gran Chaco.

Oras, um povo que, na própria língua, se traduz «homem». A despeito das projeções antropológicas acerca do “tabu do incesto” que acomete várias gerações dos Nivacle, é curioso pensar na rígida demarcação generativa. Chase-Sardi relata que as festas de iniciação atraíam pessoas de lugares geograficamente remotos em longas caminhadas Chaco adentro, lançando a

sorte de encontrar um cônjuge. Nessas festas, as meninas observam de longe, até que uma, sem aviso, saia correndo e pegue a faixa do homem de seu interesse, envolvendo-o em uma dança – ele de costas e ela atrás; depois, lado a lado. Posto isso, a troca de olhares mostra-se furtiva. Em momento nenhum, o homem pode olhar diretamente para a moça, sob o risco de ser descartado por todas as mulheres da aldeia por se revelar indecente.

Assim, uma dinâmica quase matriarcal envolve a relação nos dias subsequentes. Um jogo é traçado: a mulher rouba do homem um objeto pessoal e, mais uma vez, sai correndo, como um convite para que entre em mais uma dança. Ao fim da festa, os solteiros eleitos devem encontrar as moças em suas cabanas em busca dos objetos roubados, aproximando-se envoltos em uma manta, acanhados e corteses, sem jamais tomar a dianteira. A mulher deve conduzir esta dança silenciosa; os corpos não se tocam, tampouco se movem. Ficam assim por horas até que a mulher inicie uma conversa mimetizando os diálogos do céu, assim levando toda a madrugada. Os Nivacle chamam esse estágio de *yajaqu'enjafache*, uma espécie de noivado, traduzido literalmente para «meu dormir juntos».

No tempo que se segue, os corpos achegam-se pouco a pouco, até que ambos confidenciem querer sempre dormir juntos. Na próxima noite, a mulher afunda as unhas afiadas naquele corpo, arranhando os braços, o peito e o rosto até que amanheça. Com orgulho masoquista, o homem dilacerado avisa seus parentes sobre o casamento, os quais logo se preparam para a cerimônia em uma grande partida de caça, pesca e colheita em fartura. Somente no tardar da noite do casamento, os noivos ficam sozinhos em mais um jogo sadomasoquista – em termos de Chase-Sardi –, formando novos desenhos com as unhas até que, em um único sentido, se envolvem num mesmo abraço.

O amor entre os Nivacle assume diferentes configurações em seus mitos. Lembremos aqui que a linguagem escrita nem sempre simetriza a força e o sentido alçados pelas narrativas orais indígenas, que muito contemplam sinais outros nos ritos, como escreve a pesquisadora e tradutora Josely Vianna Baptista em sua coleção *Cadernos da Ameríndia*: “a entonação, o mimetismo, a cor do céu que recorta o narrador, a velocidade do vento que roça quem o ouve, os acentos melódicos, o fundo dos *peligritos* da floresta, o porejar do corpo de quem fala” podem aparecer apagados em traduções meramente verbais. A

transcrição dos mitos Nivacle, portanto, amarra apenas alguns vértices diante da versatilidade de sua rica literatura oral, como rastros vivos da cultura de um povo pré-colombiano que, hoje, pouco se vê retratado ou reconhecido por órgãos oficiais – senão por meio das perseguições sofridas no tempo da Guerra do Chaco, na década de 1930.

O mito Nasuc, então, desvela um pequeno fecho sobre o amor entre os Nivacle. Na narrativa, uma mulher afunda as unhas em um lindo guáiacó, árvore nativa das Américas com a mais dura madeira conhecida. Enamorada, a jovem deixa fendas profundas em seu tronco, derramando sangue puro, em uma clara alusão ao ritual de aproximação amorosa aqui mencionado. O raconto desdobra-se com a surpresa da moça, que certa noite encontra um homem em sua cabana. Ele deita-se sem nem pedir licença – recorrentemente, a mulher machucava a árvore com as unhas e, enquanto isso, dizia o quanto queria se casar com Nasuc se este fosse homem. De certo modo, o noivado já havia sido consumado; o fincar das unhas sussurra o juramento e a intimidade dos noivos. Nesse ponto, que mal teria se o homem-árvore, a árvore-homem, se deitasse ao lado da moça?

É fato que, historicamente, muitas formas da natureza – especialmente as flores, se pensarmos nas proposições de Georges Bataille e nas fotografias de Robert Mapplethorpe – incorporam e evocam uma dimensão erótica, uma relação incessável de desejo. No campo da botânica, o sistema vascular das plantas denota o fluxo da seiva, que ascende pelo corpo da planta, da raiz às folhas, e se espalha como alimento, garantindo sua sobrevivência. Logo, ao arranhar o tronco largo do guáiacó, o desejo da jovem produz sulcos profundos – o sangue jorra na própria seiva e, sob o incêndio apaixonado do gesto, ela suplica: “Como eu queria que você fosse homem, Nasuc, pra gente poder se casar!”.

O poeta e pesquisador Sérgio Medeiros, no artigo Como e por que entrar em árvores, indica a presença de uma “aparência amoral” – ou “imoral” – em certas árvores e frutas para a cosmologia ameríndia. Para tanto, ele recorre a três exemplos literários que demonstram uma abordagem recorrente do intercursos sexual com árvores nos mitos. Nesses textos, mulheres virgens são fecundadas, sem qualquer consentimento, por seres que guardam seu sêmen em frutos suculentos. Em geral, trata-se de divindades masculinas que invadem

árvores para seduzir, enganar e violentar o corpo dessas mulheres. É claro que essa proposição não se verifica no mito Nasuc – a cultura Nivacle é meticulosamente engendrada na vontade e no impulso feminino, como se traduz na dinâmica matrimonial e nos arranhões pré-nupciais.

Após o casamento, então, Nasuc se depara com a escassez em sua família. A ordem é que o homem provenha a fartura da caça, da pesca e da colheita – mas Nasuc nada tem. Sonda sementes com a avó de sua esposa, mas acata somente a indignação e o descrédito sobre seus anseios em fazer o plantio em pleno inverno. Assim, em uma aldeia abandonada, escarva sementes de todas as espécies de planta; prepara a semeadura em um grande terreno, “sob a sombra de uma árvore frondosa”, com a ajuda de bichos e árvores; e, assombrosamente, pede à mulher que cate suas pulgas e não olhe para trás, ou as sementes não irão brotar. Se ela aguentasse, naquela mesma tarde poderiam comer o milho verde.

Nasuc é um campo onde as forças se contorcem e se multiplicam. O que aconteceria se a mulher olhasse para trás? São inúmeras as narrativas que evocam o perigo e o gesto de olhar para trás: lembramo-nos, aqui, da desobediência de Eurídice, na mitologia grega; da destruição de Sodoma e Gomorra, segundo o relato bíblico; das simpatias populares para afastar o mal; e das tantas referências na cosmologia indígena acerca da potência do olhar. Aterrorizante, por assim dizer, seria olhar para trás e assistir ao que restou do guáiacó.

De fato, o respeito e, às vezes, o temor pela natureza jogam com a literatura oral indígena. Aqui, Nasuc, apesar de provedor, sente raiva da avó da mulher – ela é convidada para a colheita e, antes de saborear a suculência dos frutos, é transformada em sapo. “Pôr-do-sol, já assavam as espigas” – uma árvore sabe bem o que quer. Pode alargar sua copa para absorver os raios solares, caminhar com as raízes, convocar todos os bichos para constituir uma floresta, dar vida a plantações, transformar-se, ainda que por um breve instante, em homem.